

## PRÉ-CRISE DO CAPITALISMO E AS TAREFAS ATUAIS MSL\*

A atual conjuntura política aponta para uma autonomização da classe operária em resposta a ação da classe capitalista. A burguesia tem implementado um conjunto de ações no sentido de evitar a crise do capitalismo, mas apenas tem conseguido adiá-la sem, no entanto, conseguir impedir o surgimento de novas contradições produzidas por sua própria ação. Quais são estas contradições? Como a burguesia tem agido para evitar a crise do capital? É isto que veremos a seguir.

A burguesia busca incessantemente criar contratendências à sua crise. A crise do capitalismo se manifesta como queda da taxa de lucro médio. Esta ocorre devido ao fato de que as empresas capitalistas disputam o mercado consumidor entre si e buscam aumentar cada vez mais a sua taxa de lucro para vencer a concorrência. Esta competição entre capitais individuais cria a tendência ao desenvolvimento tecnológico, e, por conseguinte, à queda da taxa de lucro médio. O desenvolvimento tecnológico é uma necessidade para a reprodução do capitalismo, mas é, ao mesmo tempo, causa de suas crises.

Isto ocorre graças ao fato de que a produção capitalista se fundamenta sobre a extração de mais-valor da classe trabalhadora. O único componente do processo de produção que acrescenta valor às mercadorias é a força de trabalho em ação, ou seja, o trabalho executado pelo trabalhador. Porém, os custos de produção não se limitam ao salário que o capitalista paga ao trabalhador. Ele precisa constantemente renovar os seus meios de produção e comprar matérias-primas. Mas estes componentes do processo de produção não acrescentam valor às mercadorias, pois apenas repassam o seu valor a elas. Somente a força de trabalho acrescenta valor às mercadorias.

Ocorre que com o processo de desenvolvimento capitalista a parte que o capitalista gasta como os meios de produção se torna cada vez maior e, proporcionalmente, cada vez menor com a força de trabalho. Por conseguinte, a taxa de lucro cai, pois os meios de produção apenas repassam seu valor ao produto. Marx chamou isto de tendência declinante da taxa de lucro.

---

\* Editorial da Revista Ruptura nº 5, lançada em fevereiro de 1997.

A classe capitalista, entretanto, busca evitar que isto ocorra. Para fazer isto busca aumentar a exploração da classe trabalhadora. Isto é feito de várias formas, desde a intervenção estatal na produção até a constante busca de ampliação do mercado consumidor. Mas a estratégia do capital que é mais eficaz é a que se dá no próprio processo de produção. É aí que se dá a extração de mais-valor. A redução da jornada de trabalho e sua regulamentação impede o aumento de extração de mais-valor absoluto, o que provoca a busca da burguesia em aumentar a extração de mais-valor relativo.

A extração de mais-valor relativo é um resultado do aumento de produtividade. Já que o tempo de trabalho (que é o que determina o valor de uma mercadoria) não pode aumentar, então é preciso fazer o trabalhador produzir mais num mesmo período de tempo. Se em 08 horas se produz dez unidades, deverá passar a produzir 12. O salário do trabalhador não aumentará ou aumentará em proporções menores do que o do aumento da produtividade. Isto é feito tanto através da utilização de maquinaria mais avançada quanto na organização do processo de trabalho. Foi visando ao aumento de mais-valor relativo que surgiu a organização científica do trabalho, ou simplesmente, taylorismo. Na atualidade, a burguesia busca aumentar a extração de mais-valor relativo apelando para uma adaptação do taylorismo criada no Japão e que se chama toyotismo.

O toyotismo se caracteriza por tentar integrar o trabalhador com a empresa através do participacionismo e busca aumentar a produtividade e combater, assim, a queda da taxa de lucro. O toyotismo funciona segundo o método kan-ban, criado nos supermercados dos Estados Unidos e consiste em repor as mercadorias tão logo elas são vendidas. A adaptação do método de kan-ban feita na organização toyotista do trabalho é realizada através do sistema de luzes, onde existem luzes de três cores diferentes que avisam ao trabalhador se ele deve acelerar a produção, parar ou diminuir o ritmo. Tal método visa controlar a produção e o trabalhador evitando ao mesmo tempo gastos desnecessários e intensificação da cadeia produtiva, o que significa aumentar a exploração e opressão do trabalhador.

Outra estratégia do capital para evitar o desencadeamento de uma crise é a chamada política neoliberal. Na verdade, o neoliberalismo vem sendo aplicado por

todos os governos e partidos no poder, inclusive os social-democratas e “socialistas”. O capital monopolista utiliza a política neoliberal para realizar uma nova repartição do mais-valor global<sup>1</sup>, retirando gastos sociais realizados para integrar a classe operária na sociedade burguesa, tal como o seguro social, a educação, a saúde, etc., e desviando-os para investimentos que beneficiam o capital monopolista. Daí a chamada onda de privatização. Entretanto, se isto tudo evita, em parte, a queda da taxa de lucro médio, produz novas contradições. No Japão, a implantação do toyotismo ocorreu sem grandes lutas sociais, devido as condições particulares deste país, embora tenha havido resistência dos trabalhadores. Nos demais países, entretanto, a resistência tende a ser muito mais forte pela própria formação cultural dos trabalhadores que não é a mesma que no Japão.

A política neoliberal, por sua vez, cria um descontentamento popular bastante elevado ao retirar dos trabalhadores o que estes já tinham conquistado. Desta forma, a integração da classe operária na sociedade burguesa se torna mais frágil, pois o mundo do consumo exacerbado, as “garantias sociais”, etc., deixam de ser uma realidade para os trabalhadores e assim sua integração na sociedade burguesa deixa de ter o atrativo que antes tinha. Outro efeito negativo disso para o capital é a restrição do mercado consumidor, que é onde se consuma a exploração (realização do mais-valor).

Assim, setores produtivos inteiros poderão, em médio prazo, perder grande parte de seu mercado e isso irá provocar uma quebra de várias empresas. O desemprego provocado por isso e pela revolução tecnológica reforça esta tendência de restrição do mercado consumidor, ainda mais se levarmos em conta que o aumento do desemprego pressiona os salários para baixo, o que significa perda do poder aquisitivo por parte dos trabalhadores. Um conjunto de outras ações vêm sendo encaminhadas pela burguesia no sentido de garantir a reprodução do capitalismo, tanto na esfera da produção e distribuição quanto na esfera da ideologia, cultura, etc.

---

<sup>1</sup> Mais-valor global é o total de mais-valor produzido em uma determinada sociedade, ou seja, é equivalente ao conceito de renda nacional.

Entretanto, os trabalhadores resistem. Assistimos hoje uma ameaça por parte do movimento operário de autonomização. A radicalização de setores da sociedade, o crescimento do movimento grevista, a luta dos trabalhadores sem-terra, entre outros exemplos, colocam em evidência a resistência operária. A luta dos trabalhadores começa a ganhar a radicalidade e apresentar uma perspectiva de autonomização da classe operária. Isto tem importância fundamental. Ocorre, porém, que a burocratização das organizações que buscam controlar o movimento operário e os demais setores explorados da sociedade dificultam a luta operária. Daí a necessidade da autonomização da classe operária, o que significa um processo onde ela se livra de suas falsas vanguardas, tanto social-democratas quanto bolchevistas, e assume seu caráter independente e autônomo.

As grandes ações da classe operária e de outros setores da sociedade que demonstram radicalização são autônomas e não contam, na maior parte das vezes, com o apoio dos partidos políticos “ditos” de esquerda. Torna-se necessário apoiar tal processo e fazê-lo expandir-se e tomar conta das ruas. A revolução é um processo marcado pela superação das relações de produção capitalistas, do estado e também das organizações burocráticas que dizem representar os trabalhadores. Os partidos políticos são uma ameaça concreta ao desencadeamento do processo revolucionário, mas quando este se torna irresistível, tais partidos buscam controlá-lo e dirigi-lo, objetivando conquistar o poder do estado através da usurpação da revolução proletária.

Os momentos de pré-crise do capitalismo sempre são marcados por um crescimento da extrema-direita e posteriormente da esquerda revolucionária. Isto ocorre devido ao fato de que a primeira possui o poder do dinheiro e por isso pode-se se organizar e se expandir de forma mais rápida. Basta ver o exemplo da ascensão do neofascismo e do neonazismo na Europa para se perceber isto. A esquerda revolucionária também começa a se articular e isto também é expressão da luta de classes e da resistência operária. Uma das tarefas principais no atual momento é buscar desencadear uma intensa luta cultural visando retirar das massas a influência nefasta do reformismo e do bolchevismo.

Sempre que há acirramento das lutas de classes, cria-se um clima favorável aos movimentos políticos radicais que expressam os interesses das classes exploradas. O atual momento abre amplas perspectivas neste sentido. É por isso que o MSL deve elaborar um conjunto de propostas e realizar um trabalho mais efetivo junto às massas no sentido de colaborar com o processo da autonomização das classes exploradas e, conseqüentemente, desencadear novas perspectivas para a revolução autogestionária.

A luta atual é marcada por avanços e recuos, por uma forte corrupção dos movimentos sociais e de organizações que dizem representar os trabalhadores e por um descontentamento crescente das massas. É preciso, então, uma ação efetiva no sentido de retirar das classes exploradas e demais setores da sociedade a influência da pseudoesquerda, representada pela socialdemocracia e bolchevismo, e realizar uma articulação das forças revolucionárias no sentido de ampliar sua influência e eficácia política. Daí a necessidade de criação de um bloco revolucionário e da articulação nacional e internacional no sentido de provocar e reforçar o confronto entre as forças conservadoras e reformistas, por um lado, e das forças revolucionárias, por outro.

Como realizar isto? A esquerda revolucionária hoje é composta por pequenos grupos, está desarticulada, não possui unidade de projetos e concepções, não possui recursos financeiros e materiais, etc. Parte destes problemas podem ser resolvidos, outra parte não tem tanta importância quanto parece e alguns problemas são realmente fundamentais e devem ser atacados de frente. As tarefas atuais do MSL neste contexto são a de buscar saídas e alternativas, bem como buscar reforçar sua luta e suas ações, de forma mais agressiva e radical, com o objetivo de fortalecer a luta revolucionária.

Os movimentos sociais no Brasil hoje são hegemônicos pela pseudoesquerda, onde se destacam o PT, PC do B, PSTU, entre outros. Tais forças políticas não representam os interesses da classe trabalhadora e sim de segmentos sociais bastante comprometidos com a sociedade existente, tal como a burocracia. Elas servem como freio da luta dos trabalhadores e cabe as forças revolucionárias retirarem a influência nefasta que elas exercem sobre as classes exploradas.

Daí a importância da luta pela hegemonia. Não se trata aqui da concepção reformista-gramsciana de tentar no interior da sociedade burguesa criar um “consenso” através de um partido que após conquistar a hegemonia irá dominar o estado e fazê-lo funcionar de acordo com os interesses dos trabalhadores. O estado só serve aos interesses da classe dominante e por isso deve ser destruído e não conquistado.

A luta pela hegemonia do qual falamos significa uma luta cultural no sentido de corroer a ideologia burguesa e burocrática e colocar aos trabalhadores a perspectiva da autogestão social. Não se trata de nos iludirmos pensando que tal proposta, antes de um período revolucionário, poderá ter a supremacia na sociedade. Na verdade, trata-se de conquistar a hegemonia em certos locais da sociedade, que são onde estão os explorados e os que estão descontentes com a sociedade existente.

Combater o racismo, o sexismo, etc., é fundamental para se criar as condições de revolução e autogestão, pois as ideologias burguesas continuarão utilizando os conflitos raciais, sexuais, etc., para dividir as classes exploradas e manter o seu domínio. Cabe buscar desenvolver uma cultura revolucionária que é necessária tanto para a realização da revolução quanto para a autogestão social se concretizar sem retrocessos. Combater as ideologias burguesas do consumismo, do burocratismo, do culto à autoridade e ao dinheiro, entre outras, também é extremamente necessário para o movimento revolucionário. Para efetivar isto é necessário unir forças, utilizar meios alternativos de divulgação de ideias e de pressão, etc.

Esta luta política fora das fábricas poderá incentivar a sua luta interna e assim colaborar com o movimento de greve de massas que deve se transformar em greve de ocupação ativa, criando o processo de autogestão nas fábricas pelos conselhos de fábrica e implantar a dualidade de poderes, onde as massas realizam a autogestão nos locais de trabalho e de moradia e enfrentam a oposição do estado, o poder coletivo da burguesia, sendo que ou o estado é destruído ou as organizações autogeridas das classes exploradas. Caso se efetive a vitória dos trabalhadores, isto significa a revolução autogestionária.

Entretanto, tal perspectiva deve ser colocada no interior da sociedade burguesa e é marcada por um conflito com as forças políticas da burguesia e das suas classes auxiliares (representadas pelos partidos políticos acima referidos). Para conseguir fortalecer a luta operária e realizar uma ação cultural e política eficaz torna-se necessário um conjunto de propostas de ação política. Podemos colocar algumas destas propostas em discussão:

Um projeto político global<sup>2</sup> caracterizado pela articulação de questões imediatas com questões a longo prazo e de questões específicas e gerais. Este projeto deve abarcar tanto a questão da luta pela terra, a luta antirracista e antissexista, entre outras, quanto a luta operária pela abolição do capitalismo; deve também apresentar propostas que solapem a força da burguesia e das organizações burocráticas e ao mesmo tempo que apontem para a revolução social e para a construção da autogestão. O combate ao neoliberalismo, por exemplo, deve estar articulado com propostas que deixem claro sua ligação com os interesses atuais da burguesia e ao mesmo tempo colocar que a solução deste problema só pode ocorrer fora do modo de produção capitalista.

Buscar criar uma articulação das diversas correntes políticas a nível regional, nacional e internacional buscando tornar mais eficaz e forte a luta revolucionária e simultaneamente o processo de autonomização das classes exploradas. Sem dúvida, hoje é necessário, no Brasil, criar uma *Federação de Movimentos Revolucionários*, voltada para a articulação das lutas políticas e para a realização de experiências coletivas nos pontos de concordância entre as diversas forças revolucionárias.

Algumas das novas propostas políticas que ao nosso ver deverão estar articuladas com o projeto autogestionário são as seguintes. Em primeiro lugar, devemos apresentar propostas que mobilizem os trabalhadores e ao mesmo tempo solapem a estratégia burguesa de aumentar a extração de mais-valor relativo. A luta pela diminuição da jornada de trabalho poderá agrupar amplas parcelas da população, tal como os desempregados (pois geraria mais empregos), os

---

<sup>2</sup> Sobre isso: *Estratégia Revolucionária e Luta de Classes: Teses Para Uma Nova Esquerda Revolucionária no Brasil*. Cadernos Ruptura, N. 1, junho de 1994.

trabalhadores submetidos ao trabalho alienado do qual foge sempre que pode, entre outros. Tal proposta fere diretamente os interesses da burguesia, pois a regulamentação da jornada de trabalho lhe garante a estabilidade da extração de mais-valor absoluto e tal redução faria cair mais ainda sua taxa de lucro. Outra consequência disto seria o maior tempo disponível que os trabalhadores teriam para descansar e se auto-organizar, criando tempo e disposição para produzir os conselhos de fábrica. Embora esta conquista seja bastante difícil, ela deve ser colocada como bandeira de luta não só porque irá conquistar a simpatia de parte da população, mas porque também irá aglutinar e aproximar setores da sociedade em torno de uma reivindicação radical e poderá colaborar com o desenvolvimento de uma consciência de classe revolucionária em nosso país. Uma das formas de pressão para se reivindicar isto é a greve de massas, o que significa a retomada da luta operária de forma autônoma e sem a mediação de partidos ou qualquer outra organização burocrática.

Outra proposta política é a de democratização dos meios de comunicação de massas. Esta proposta teria como eixo central a liberação de rádios e TVs livres, o fim da censura e das exigências legais para publicação de textos escritos (o jornalista responsável) e outras propostas neste sentido. Também a proposta de estatização e democratização das escolas e universidades através do sistema paritário, onde professores, funcionários e estudantes administrariam as escolas, inclusive no conteúdo do que é ensinado e na forma do ensino se inclui nesta perspectiva.

Soma-se a estas propostas a defesa do fim da propriedade do solo nas cidades, segundo a qual cada indivíduo só pode ser proprietário do local onde reside. Isto poria fim a especulação imobiliária e mobilizaria uma ampla camada da população, principalmente aqueles que não possuem local de moradia e aqueles que moram em favelas. O fim da propriedade privada nas terras desocupadas na zona rural e sua imediata coletivização. Trata-se de uma luta pela transformação da estrutura agrária brasileira e que tem como ponto fundamental apoiar o movimento dos trabalhadores sem-terra e radicalizar sua luta objetivando realizar uma verdadeira revolução agrária.

Outras propostas podem ser somadas a estas, tais como:



Pelo fim da mercantilização da saúde e pelo controle da população sobre os serviços de saúde, através da estatização e democratização do seu gerenciamento.

Pelo controle popular do sistema de transporte coletivo urbano, através da sua estatização sob a direção de conselhos de usuários.

Pelo fim do serviço militar obrigatório.

Pelo controle popular da relação entre sociedade e meio ambiente.

Pelo fim do voto obrigatório.

Pela greve geral de massas.

Sem dúvida, estas propostas precisam ser aprofundadas e especificadas. Porém, isto será um trabalho coletivo dos militantes libertários e se tornará mais concreta nos debates e na luta cotidiana, bem como através do aprofundamento da pesquisa sobre estes assuntos. Também não são, na sua maioria, propostas que apontam para a autogestão, mas abrem espaço e podem criar uma ampla mobilização que colaboram com a concretização deste projeto. Também é necessário articular estas propostas com as propostas revolucionárias do movimento libertário e conseguir desta forma aumentar a inserção social do bloco revolucionário e torná-lo um movimento de massas.

Para efetivar o encaminhamento destas lutas torna-se necessário se criar uma ou várias organizações revolucionárias em cada cidade e articulá-las em nível regional e nacional, atuando em diversos locais de lutas de classes (escolas, bairros, fábricas, etc.). No Brasil, hoje já existe um número razoável de agrupamentos revolucionários e um sem número de movimentos radicais de periferia sem uma articulação e concepção política definidas. Cabe ao MSL e demais grupos libertários fazer um trabalho de divulgação de massas de suas ideias para conseguir aglutinar forças e ganhar mais vitalidade na luta contra o capital e o estado.

Para isso ocorrer, torna-se um imperativo categórico não haver “rachas” desnecessários por questões secundárias. Podemos, sem dúvida, conviver com diferenças de opiniões e concepções em muitos aspectos sem ter que abrir mão do trabalho em conjunto. Além disso, o movimento revolucionário tem que aprender a respeitar as diferenças não só de concepção, mas também de disposição para a

militância e de estilos de atuação. Para não dispersar o movimento de recusa da sociedade burguesa e do estado, faz-se necessário também conviver com as diferenças com uma certa tolerância.

A partir destas breves indicações é preciso reconhecer que hoje mais do que nunca é preciso unir forças para combater o capital e o estado e isto só poderá ser feito se houver uma união entre as forças libertárias, pois do lado de lá, na hora do confronto, sempre há união.

Este é um ano eleitoral e como todos os anos eleitorais é uma época propícia para a corrupção de diversos indivíduos e movimentos sociais pelos políticos profissionais e partidos de “esquerda”. Ora, para o movimento libertário é uma época privilegiada para a atuação nos movimentos sociais. Isto ocorre pelo fato de que os partidos de pseudoesquerda irão privilegiar o processo eleitoral e com isso enfraquecem sua atuação política nos movimentos sociais. Além disso, eles se tornam mais vulneráveis e o processo que eles executam de aparelhamento dos movimentos sociais se tornam mais visíveis para a população.

Neste contexto, cabe a nós buscarmos realizar uma ação política com mais empenho nos movimentos sociais e buscar democratizá-los e fazê-los radicalizar no sentido de entrar em confronto com o capital, o estado e a pseudoesquerda. Além disso, cabe ao MSL e aos demais movimentos libertários e indivíduos militantes utilizar a desconfiança e a consciência dos trabalhadores brasileiros a respeito da farsa que é a democracia burguesa e fazer uma campanha de massa pelo voto nulo, buscando assim retirar a legitimidade desta forma de dominação burguesa.

Através de meios alternativos (formação de comitês de bairro em favor do voto nulo, voltado para o debate e discussão de questões políticas) e tradicionais (pichação de muros, panfletos, adesivos, etc.), devemos fazer uma ampla campanha pelo voto nulo e junto às massas, em terminais de ônibus e nas periferias. Se for possível, formar comitês de voto nulo nas periferias e atuar através da politização e do desmascaramento da farsa que é a democracia burguesa.

Enfim, a campanha pelo voto nulo pode demonstrar à população que existe uma alternativa e que a democracia burguesa é uma farsa e também a “esquerda” institucional.

Para todas estas propostas serem efetivadas é preciso criar um conjunto de meios que tornem sua concretização possível. Para isto seria necessário uma ampla mobilização e atuação dos militantes revolucionários e da ampliação de grupos e indivíduos envolvidos nesta luta. Além disso, esta articulação deveria se dar a nível nacional e, portanto, torna-se urgente lançarmos a ideia de uma *Federação de Movimentos Revolucionários* e também a de formação de *Associação Nacional dos Trabalhadores*.

A Federação de Movimentos Revolucionários teria como pressupostos a luta pela autogestão pela via revolucionária, variando os métodos e projetos no interior desta perspectiva. Ela não teria direção central e funcionaria como uma federação, onde cada grupo ou indivíduo filiado teria ampla liberdade de defender suas ideias e teria sua autonomia garantida. A função desta federação seria articular experiências, lutas, organizações, etc., e também realizar um trabalho de massas a nível nacional, unificando aspectos consensuais da luta revolucionária.

A publicação de um jornal a nível nacional entre outras formas de publicação e divulgação de ideias, a realização de campanhas de massas em todo o país, abrir contatos e articulações com movimentos libertários em outros países tentando alargar o processo de unificação da ação revolucionária, etc., seria mais algumas das atividades que devem ser levadas a cabo por tal federação.

Talvez a tarefa principal desta federação seja a de formar uma Associação Nacional dos Trabalhadores, organizados por conselhos de fábrica e de trabalhadores. Para fazer isto temos que retomar a ideia dos conselhos de trabalhadores, que sempre esteve viva nos momentos históricos da luta operária, desde a Comuna de Paris, passando pela Revolução Russa, Revolução Alemã, Revolução Espanhola, etc. No Brasil, os conselhos de fábrica surgiram durante as greves de maio de 1978, entre outras oportunidades.

A ação dos militantes libertários seria no sentido de criar conselhos de trabalhadores e conselhos de fábricas ou empresas. Os conselhos de fábrica ou empresa aglutinam os trabalhadores por local de trabalho e de forma clandestina para evitar perseguições. Eles executariam um papel de divulgação das ideias libertárias, cursos sobre autogestão e gestão de fábrica, etc., e de organização de uma união municipal, regional e nacional dos trabalhadores, buscando incentivar o movimento de greve de massas e exigir a concretização das propostas políticas do bloco revolucionário e apontar para a abolição do trabalho assalariado e do estado.

Os conselhos de trabalhadores irão agrupar os trabalhadores que estão isolados em seu local de trabalho por região. Os desempregados e trabalhadores itinerantes se agrupam por região de moradia. Estes conselhos também participam das associações municipais, regionais e nacional dos trabalhadores. Esta última teria a vantagem de não ter que provocar o desgaste dos militantes e trabalhadores com a disputa inútil nos sindicatos e nas centrais sindicais corrompidas, pois basta ser trabalhador para fazer parte dela. Não precisaria ser eleito em nenhuma instância, pois basta a sua condição de trabalhador para pertencer à classe e à organização nacional dos trabalhadores. Desta forma, todo militante libertário que é trabalhador (ou é um trabalhador desempregado), rural ou urbano, poderia participar da Associação Nacional dos Trabalhadores.

As lutas encaminhadas pela ANT seriam as lutas gerais dos trabalhadores, tanto as imediatas, tal como a luta pela diminuição da jornada de trabalho, quanto as que dependem do nível de acirramento das lutas de classes, ou seja, da abolição do capitalismo e do estado. Também, nas suas organizações locais, que são os conselhos de fábrica e de trabalhadores, se encaminham as questões locais articuladas com as nacionais.

Uma forma de aglutinar trabalhadores na ANT é a busca de articulação com eles não em sindicatos, mas sim nas empresas e, principalmente, nos locais de moradia. Nas periferias e terminais de ônibus se pode fazer campanhas de massas e buscar criar conselhos de trabalhadores por região de trabalho ou de moradia, dependendo do caso. Este seria o ponto de partida para a construção de uma

alternativa revolucionária ao nível nacional e que certamente espantaria a pseudoesquerda e a classe dominante.

Com estas duas formas de organização se poderia efetivar uma ampla mobilização popular a nível nacional e, no contexto em que vivemos de acirramento das lutas sociais, colaborar com o processo de autonomização das classes exploradas.

A diferença entre a Federação de Movimentos Revolucionários e a ANT se encontra no fato de que a primeira agrupa também jovens e grupos e tem sua base de organização diferenciada (não por empresa ou região e sim por concepção política, participação em movimentos sociais ou grupos revolucionários e/ou culturais, etc.) e tem uma definição mais precisa de concepção política enquanto que a segunda apresenta-se aberta a todos os trabalhadores dispostos a participar dos conselhos operários e de suas lutas e reivindicações, independentemente de seu aprofundamento em matéria de concepção política e do seu grau de elaboração teórica.

A formação de uma Associação Nacional dos Trabalhadores abre espaço para o desencadeamento de uma luta revolucionária marcada pela articulação de reivindicações radicais e do projeto autogestionário e estabelece a possibilidade de influenciar o movimento dos trabalhadores no sentido de desencadear uma greve de massas que reforça a própria associação.

Por fim, estas são as tarefas atuais do MSL: buscar criar uma articulação nacional das forças revolucionárias e uma Associação Nacional dos Trabalhadores, bem como apresentar um conjunto de propostas políticas visando conquistar espaços que reforcem a luta revolucionária do proletariado e dos demais setores explorados da população.